



A TURNÊ DO

CORAÇÃO

PARTIDO

EMILY WIBBERLEY E
AUSTIN SIEGEMUND-BROKA

Autores de O rascunho do amor

*Para os Swifties e as Swifties,
e para a Srta. Swift,
pela eterna inspiração.*

Prólogo

Riley

Nada se compara ao som de um coração partido.

Afasto os lábios do microfone, a exaustão enraizada no peito, a cabeça cantarolando a melodia sem descanso. Durante semanas, mergulhei nas lembranças mais dolorosas da minha vida, na mágoa mais profunda, buscando inspiração. É ali que vou encontrar aquilo de que preciso, eu sei que é. Só preciso continuar ouvindo.

Estou frustrada, sério. Depois de passar quinze horas dentro do estúdio, espero ter polido à perfeição o que quer que eu esteja fazendo.

Mas nada dá certo. O refrão é insignificante e rebuscado, artificial e pesado. As estrofes não culminam em nada, não têm urgência. A parte instrumental até que ficou boa. É nos vocais que eu não consigo acertar. É como se eu estivesse atuando, não sendo *eu mesma*. E aqui estou, regravando mais uma vez minha voz. Quanto mais me debato com a canção, mais longe fico da música no meu coração, os refrões implorando para serem libertados.

Quem dera eu conseguisse fazer isso. Chega a doer o tanto que eu queria conseguir. Essa música deveria ser minha obra-prima. Tem que ser minha obra-prima. Merece ser minha obra-prima.

Ele merece ser minha obra-prima.

Dou um suspiro irritado e giro os ombros sob as luzes fortes do estúdio. É fácil esquecer, nesse amplo espaço à prova de som, que já é uma da manhã. Nada muda neste lugar estéril e fechado, cheio de microfones e quase nenhum móvel. Em geral, aceito de bom grado o vazio, a falta de distrações, a liberdade de ir atrás de qualquer inspiração musical que eu estiver ouvindo.

Mas, neste momento, isso só me faz lembrar o progresso que *não* estou fazendo na canção que não consigo terminar.

Parte de mim quer dar a noite por encerrada. Estou meio desesperada para me render ao conforto impessoal da suíte que tem sido meu lar nos últimos meses. O Victory Hotel – nos arredores de San Vicente, perto de Sunset, um dos bairros mais badalados da indústria do entretenimento de Los Angeles – foi uma hospedagem discreta enquanto eu adiava a busca por uma casa e me jogava de cabeça na minha música.

Era inevitável. Depois do divórcio, o que mais eu podia fazer?

O fim do meu casamento foi uma intimação. Eu sabia que podia escrever sobre nós de um jeito inesquecível. A ruína perfeita e dolorosa. Tudo que eu esperava ter com ele, tudo que imaginei. Fui atrás da promessa da “música sobre nós” até que, finalmente, “Um minuto” estava pronta.

Enquanto eu fazia a mudança, guardando meus pertences em malas, ouvi a demo no *repeat*, sem parar. O lembrete da música que eu tinha encontrado na dor foi o que me impediu de chorar de soluçar. Meu ex não estava em casa: ele deixou eu me mudar em paz, uma das poucas gentilezas dele nos últimos tempos. Fiz as malas no meu ritmo, até que, do nada, aconteceu.

Veio a inspiração.

Fiquei orgulhosa da forma como retratei todo o nosso relacionamento em uma só canção. Ela me deu a ideia para o meu próximo álbum inteiro. Apresentei a premissa ao pessoal da gravadora, e eles amaram. Comecei a compor e não consegui mais parar. Isso me consumiu. Compor virou gravar, e em vários dias eu fazia um pouco de cada coisa.

Eu praticamente morei aqui no imenso estúdio de gravação da Stereonic, passando horas e horas produtivas tocando e refinando, muitas vezes dormindo no sofá. Quando estou buscando inspiração, dormir no sofá é mais fácil. Sinceramente, devo ser a hóspede favorita do Victory Hotel.

As canções iam saindo, cada uma delas relembrando um relacionamento. Trabalhei sem parar até que elas ficassem exatamente como eu queria. O processo não se comparava a nenhuma inspiração que eu já tivera. Eu ouvia *tudo* que eu queria. Trabalhei dia e noite até executá-las à perfeição. Onze delas.

Era como se fosse magia. *O som de um coração partido*. A coisa toda estava fluindo surpreendentemente bem.

Até agora.

No começo, eu nem sabia se queria compor a música que está me dando esta dor de cabeça. Nosso relacionamento foi há muito tempo, estava guardado na privacidade do passado. Não é de conhecimento do público, ao contrário de meus infames casos e do casamento. Não chega nem a ser uma nota de rodapé nas muitas, *diversas* histórias dos músicos e astros de cinema que amei e perdi.

Ainda assim, concluí que eu precisava incluí-lo por uma única razão inquestionável.

Eu sei, sem sombra de dúvida, que ele foi a pessoa que eu mais amei na vida. Ouvi cada harmonia. Senti o encantamento de cada reprise que se aproximava. Eu era eternamente apaixonada por ele.

A música que compus para nosso amor passou dias se esquivando de mim. Depois que eu concluir a gravação, o álbum vai estar pronto. Nas semanas que se passaram desde que escrevi a letra, já gravei várias tentativas – nenhuma que tenha me deixado satisfeita. Sempre que ficava sem ideias, eu procrastinava, voltando meus esforços para outra música do álbum.

Agora não tem mais nenhuma música inacabada.

Merda, estou um caco. Minhas cordas vocais estão irritadas. Minhas costas estão doendo de ficar horas e horas sentada num banquinho em frente ao microfone do estúdio.

Com as ruas vazias na madrugada de West Hollywood, eu levaria menos de dez minutos até meu hotel. Imagino o conforto gélido do chão de mármore sob meus pés, a cortina transparente deixando a luz do horizonte baixo entrar no quarto, dando à mobília um tom suave de cinza. O edredom acolchoado da cama king size, a solidão que, asseguro para mim, é independência.

Em vez disso, vou até o sofá do estúdio. Não vou me dar o luxo de ficar confortável em “casa”, decidi. Não quando falhei tão miseravelmente. Passar a noite no estúdio é um lembrete de que o trabalho ainda não foi concluído.

Nas profundezas da minha mente, espreita uma possibilidade perigosa. *E se eu só tiver onze músicas sobre coração partido dentro de mim?* Essa canção é importantíssima para mim. E se essa importância não for suficiente?

E se eu tivesse me exaurido nos meses do divórcio e de composição implacável e infeliz?

É insuportável de tão deprimente. Eu me obrigo a deixar de lado essa ideia.

Mas preciso mesmo dormir. Não tem como gravar do jeito que estou agora. Podre. Derrotada, frustrada, desesperada. Eu me sinto...

Abro os olhos de repente.

E se esse for o jeito perfeito de gravar?

Com todo o meu ser implorando para que eu descanse, volto para o microfone. Meu coração está disparado. Esse álbum fala das maiores dores da minha vida, das dificuldades. Das feridas de amor. Ele é dedicado à devoção e à derrota.

A ideia é soar desse jeito, me dou conta. A ideia é doer.

Começo a gravação, já que, depois de passar tantas horas aqui nos últimos tempos, sei como tudo funciona sem precisar da ajuda do meu engenheiro ou do meu produtor, que já foram para casa por conta do horário. As notas do piano enchem meus ouvidos.

Quando a estrofe vem, eu canto. Canto como se fosse a última chance que dou a mim mesma. Canto como se estivesse desistindo. Canto como se estivesse me despedindo.

Dou tudo de mim na música como se soubesse que meu tudo não é suficiente. Como se soubesse que não posso ser aquilo de que a canção precisa.

Dói. Dói muito.

Em meio à emoção que dedico a cada nota, ainda fico surpresa em como passa rápido cantar três estrofes, três refrões e uma ponte. A música termina, e o resto é só silêncio. Eu me afasto do microfone e seco os olhos com mãos trêmulas. Eu nem percebi que estava chorando. É claro que estava.

No estúdio silencioso, hesito. Estou sem inspiração, sem condições de lutar, sem nada a não ser uma débil esperança. Não sei se vou aguentar se essa canção partir meu coração assim como o homem que lhe serviu de inspiração.

Coloco a gravação para tocar. A música em que trabalhei por dias, semanas, meses, domina o ambiente. Ouço com atenção.

Está... perfeita. Porra, muito perfeita.

Valeu a pena, lembro a mim mesma enquanto dou passos pesados até

o sofá sabendo que vou apagar no Uber se for para o hotel. A dor que doei valeu tudo que essa música vai me dar em troca, tenho certeza.

A gravação é... transformadora. Inegável. Parece um sucesso meu. Meu legado.

Valeu a pena, repito para mim, minha única canção de ninar nesse ambiente fechado. Você fez valer a pena.

QUATRO MESES
DEPOIS

Max

Eu me lembro exatamente da música que estava tocando quando dei a partida no carro na noite em que meu coração se partiu.

Virei a chave na ignição. O rádio ligou. “The Same Situation”, de Joni Mitchell, dominou o interior do Camry antigo que eu comprara por dois mil dólares depois de me formar no ensino médio. Sentindo-me um tolo e fingindo que estava tudo bem, deixei a música tocar, mesmo sabendo que ela ficaria atrelada às lembranças tristes daquele dia. Dirigi pelas estradas silenciosas de Los Angeles, voltando para casa e reconhecendo, com todo o meu ser, que a voz de Joni me assombraria dali em diante.

É por isso que, dez anos depois, eu me vejo com o dedo pairando acima da barra de espaço no teclado, incapaz de dar play.

Aberto no Spotify, está o novo álbum de Riley Wynn, emoldurado pela minha tela no pequeno escritório que divido com minha irmã na Harcourt Homes, a casa de repouso para idosos que gerencio com a ajuda dela. Estou sozinho aqui no momento, esperando por mim mesmo, ignorando as planilhas impressas na minha mesa. Janeiro é a época mais fria no Vale de São Fernando. O ar gélido da Califórnia me rodeia, se entranhando pelas pontas dos dedos, na expectativa, na ânsia. *Ouve, Max. Só ouve.*

Eu sei o que vai acontecer quando eu começar a primeira música. *Se eu começar a primeira música.* A voz da profetisa do country, a nova estrela queridinha, vai entrar na minha alma de um jeito que só ela consegue.

Eu devia ouvir, eu sei que devia. Devia apertar o play. Deixar a música de Riley – sua magia – me enredar. Principalmente “Até você”, a inconteste música do ano. Precisei me esforçar para evitar ouvi-la, porque ela se

escondia em cada esquina do labirinto das músicas de sempre que todas as rádios tocam.

Não fui totalmente bem-sucedido e ouvi trechos no supermercado ou mudando de uma estação de rádio para outra. E ainda tem a publicidade, Riley pairando acima de mim em meu trajeto pela Sunset. Usando vestido de noiva, ela aparece na capa do álbum, parecendo pega de surpresa enquanto chamas lambem as beiradas do véu. O e-mail da *Rolling Stone* com uma entrevista dela chegou na minha caixa de entrada uma semana atrás.

Mesmo assim, resisti à nova música de Riley até hoje, quando, de repente, eu soube que não conseguiria mais aguentar – a gravidade me puxava. De que corpo celeste, não faço ideia. Estrelas têm gravidade, mas buracos negros também. Os olhos de Riley são os dois, me encarando da tela do meu notebook.

Minha hesitação é meio patética, eu sei. Mas, para ser justo, poucas pessoas no mundo enfrentam a questão que me assombra quando se trata do novo álbum de Riley Wynn.

Como é que se ouve *O álbum do coração partido* quando você é o tema de uma das músicas?

Talvez a gente devesse formar um grupo de apoio – eu e os onze caras que Riley imortalizou no segundo disco, que dominou as paradas de sucesso. É o conceito cativante e genial da nova coleção de músicas dela: cada uma fala sobre um fim de relacionamento romântico da vida de Riley.

Portanto, os nove meses que ficamos juntos na faculdade devem ter sido incluídos na lista junto com os relacionamentos que saíam nas manchetes hollywoodianas, os casos passageiros e o badalado divórcio de Riley. Nove meses em que namorei a mulher que se tornaria uma das mais famosas musicistas do mundo. Nove meses em que eu achava que tinha encontrado o refrão dos meus versos em Riley Wynn, cujos lábios me incendiavam, cujo sorriso parecia as luzes de um palco, cuja risada tocava acordes secretos no meu coração.

Existe a possibilidade de eu não ter sido incluído, sussurrou uma parte esperançosa de mim. E se o nosso relacionamento não tivesse cumprido os requisitos necessários para isso?

Pensando bem, seria pior ainda.

Riley é conhecida pelas músicas sobre términos. Famosas ou infames,

dependendo de quem fala. No primeiro álbum e nos primeiros EPs – quando ela era popular, mas ainda não a personalidade mais amada da indústria musical contemporânea –, as canções sobre términos de relacionamento faziam muito sucesso.

Era fácil entender o motivo. Quando eu ouvia as músicas dela uma ou duas vezes – por nostalgia, prazer masoquista ou alguma combinação dos dois –, a preocupação de Riley com a dor ou a alegria de términos de romances se evidenciava na potência da voz, na perspicácia das estruturas e na veemência das letras.

Sua reputação estava consolidada, e a mídia passou a chamá-la de “A Rainha dos Términos”.

O álbum do coração partido era a metamanifestação da sua própria reputação, autorreferência e autorrealização em um só lugar. Era a genialidade de Riley: a criação de obras-primas em cima de infortúnios, conferindo uma honra cheia de ironia a fracassos românticos memoráveis o bastante para originar músicas. Embora seja bem avesso à fama, até eu ia preferir ser destrinchado em uma composição de Riley Wynn a passar pela desonra de ser o ex esquecido.

Sei que só tem um jeito de descobrir se ela fez uma canção sobre nós dois. Mas como eu me preparo para enfrentar a sensação de adentrar as chamas na capa do álbum?

Melodias contêm lembranças. Nada se compara à maneira como elas evocam sentimentos, lugares, momentos – a agulha caindo no sulco da vitrola da alma. Eu me recordo da música que estava tocando quando dei meu primeiro beijo, do que coloquei para tocar quando fui jantar sozinho na noite em que me mudei para o meu primeiro apartamento, do que tocava no rádio enquanto meu pai me avisava formalmente que eu precisaria administrar a Harcourt Homes se quisesse mantê-la aberta, porque meus pais não podiam mais gerenciar a propriedade.

Sempre que as ouço, retorno para esses momentos.

E vai acontecer a mesma coisa aqui. Quando eu colocar para tocar o que quer que Riley tenha escrito a respeito de nós, vou reviver uma época da minha vida que não sei muito bem se já superei, mesmo dez anos depois.

– Já ouviu?

A voz de Jess me faz fechar o notebook com um estalo. Na mesma hora, minha furtividade me deixa sem graça. Parecia até que eu estava vendo pornô ou algo do tipo.

Como era de se esperar, minha irmã sorri, com a cabeça enfiada na frestinha da porta que abriu, os cachos soltos do cabelo castanho balançando um pouco abaixo do ombro. A faísca nos olhos verdes diz que ela sabe exatamente o inferno que estou vivendo. Somos obviamente irmãos e temos características físicas significativas bem parecidas – a dupla perfeita para, digamos, a seção “Sobre nós” nos sites de casas de repouso.

– Já ouvi – respondo, com neutralidade.

– Mentiroso – retruca Jess. Ela se curva, fingindo desespero. – Qual é... Eu preciso que você escute pra me dizer qual delas fala de você.

– Você nem sabe se alguma delas fala de mim.

Estremeço diante da falta de convicção na minha voz. Jess revira os olhos.

– Hum... Você e Riley eram loucos um pelo outro. Eu tenho um zilhão por cento de certeza de que tem uma música que fala de você. Meu chute é “Até você”. – Ela dá de ombros, fingindo que é apenas uma especulação casual.

Franzo a testa. Com certeza Jess está brincando comigo. Provavelmente eu tenho *uma* música – não *a* música. O single principal. Porra, sem chance. Com certeza fui colocado entre a segunda e a última faixa ou algo assim. O tapa-buraco. Aquela que quase ficou fora do álbum.

– Tenho certeza de que “Até você” é sobre aquele cara – respondo.

Jess me encara com incredulidade.

– O ex-marido, Wesley Jameson? Ele é um ator indicado ao Emmy, crush de todo mundo na internet. Ele não é “aquele cara” – me informa minha irmã com um quê de impaciência.

– Tanto faz. Esse aí – digo, sentindo o rosto ficar quente. Sem a menor dúvida eu sei quem é o ex-marido de Riley. Não sei por que insinuei o contrário. – A música fala dele. Não é o que estão dizendo por aí?

Não é que eu fique correndo atrás das manchetes de fofoca. Mas, quando se trata de Riley, é difícil não dar de cara com elas. Riley alcançou o tipo de estrelato que tornou a especulação sobre a vida amorosa dela um passatempo nacional. Todo mundo na internet está dizendo que o maior sucesso do álbum fala de Wesley, marido de Riley por três meses.

Fiquei surpreso quando ela se casou com um dos astros mais bonitos do horário nobre? Não, não mesmo. Riley é... tudo. Ela é linda, inteligente, sagaz, obstinada. Ela ia querer alguém que a complementasse. Que aguentasse o ritmo da incandescência implacável dela.

Fazia sentido ser Jameson. Ele tem aquela beleza esculpida na academia, com traços marcantes, os olhos semicerrados de um jeito sensual em todas as sessões de foto de que participou. Como Jess frisou, é inquestionável que ele seja o crush da internet toda, com o cabelo escuro ondulado, a melancolia sinistra. Nas telas, ele é cativante, indo de um criminoso em conflito na HBO até o protagonista nas fantasias dos fãs.

O relacionamento entre ele e Riley virou alvo da obsessão do público instantaneamente. Fotos dos dois próximos, de Jameson sussurrando no ouvido dela em um evento de caridade, em uma festa de revista ou algo do tipo, viralizavam. Eles ainda não eram uma novidade mundial. Riley não era famosa como é agora. Na verdade, *ele* era o famoso na época. A potente combinação de popularidade, prestígio e sucesso com as mulheres de Jameson deu início aos boatos.

As fotos dos dois juntos dominaram a imaginação dos fãs: a felicidade estonteante de Riley, o brilho nos olhos de Jameson. O príncipe sombrio que conquistara a estrela de língua afiada. Eles foram acumulando mais e mais retuítes e comentários, até que Riley Wynn e Wesley Jameson se tornaram os icônicos “protagonistas” do circo midiático.

Dois meses depois, eles se casaram. Três meses depois, se divorciaram.

Era o reflexo perfeito das vidas completamente diferentes que eu e minha ex levávamos. Era óbvio que eu não estava em casa, no sofá, vendo várias fotos de Riley com Wesley Jameson – eu tive relacionamentos, alguns sérios.

São passagens de lembranças angustiantes em sua finitude, desaparecendo da minha vida de um jeito tão definitivo que é difícil lembrar o tanto de espaço que ocuparam na época. Kendra, que era mestre em design e trabalhava na nova campanha progressista do prefeito, amava chá de ervas e a irmã. Elizabeth, neta de um dos nossos residentes, trabalhava com direito trabalhista, nunca gostou de Los Angeles e sonhava em morar na França.

No ano que passei com cada uma delas, quando eu dizia que as amava, estava falando sério. Só que... nunca foi para a frente. Não era o certo.

Ou *eu* não era o certo. Assumo a culpa pelo fim de todos os relaciona-

mentos. Era sempre a mesma coisa: quando a ideia de morar juntos surgia, eu dava para trás. Não de cara, mas de maneira explícita. Os jantares eram mais silenciosos. O futuro ia ficando incerto. Eu sentia que faltava algo, ou pelo menos era disso que tinha me convencido. De qualquer jeito, era algo que me assustava, e eu fugia.

Nesse meio-tempo, me diverti um bocadinho com os casos de uma noite que rendem a combinação certa de cabelo despenteado e copos espalhados.

Jess me observa com ceticismo e fascínio.

– Você ainda não ouviu mesmo, né? – pergunta ela.

Eu me levanto, sabendo que isso é o suficiente para uma confirmação.

– Estou atrasado – respondo, tentando afastar a chateação da voz. O problema em trabalhar com parentes é que você não pode se esconder deles, mesmo que deseje. – Estão me esperando na sala de estar.

Passo por Jess na porta, torcendo para que ela deixe o assunto morrer.

É claro que ela não deixa.

– Uma daquelas músicas é sobre você, Max – diz ela.

Não respondo, entrando no corredor do segundo andar. Sinceramente, já dava para imaginar que minha irmã ficaria curiosa. Todo mundo que me conhece – o que, beleza, não é muita gente fora os residentes da Harcourt Homes, que não costumam escutar os mais recentes sucessos nas rádios – me perguntou avidamente qual é a música que fala de mim.

Eu me escondi atrás da resposta “não sei”. Eu não *quero* saber. Dez anos não são suficientes para superar Riley Wynn. Talvez vinte anos sejam. Como é que o Springsteen canta? *In twenty years, I'm sure it'll just seem funny.* “Em vinte anos, tenho certeza de que tudo isso vai parecer engraçado.”

Desço pela ampla escadaria até o saguão, ignorando os trechos com tinta descascando perto do carpete que está soltando do chão. Detalhes que nossos residentes não percebem, ou assim espero. Mas, para mim, são coisas que se destacam com escárnio, indícios condenáveis de demandas da propriedade de que não consegui dar conta.

A Harcourt Homes, que já foi um negócio dos nossos pais e agora é meu e da minha irmã, é o legado que carrego com orgulho, apesar de todo o seu peso. Nas planícies do Vale, relativamente perto de Los Angeles, evitamos que a vida dos residentes sofra mudanças. É o objetivo do que fazemos: conservar a saúde, o conforto, a consistência. Nosso foco é aguardar, perseverar.

Perseverar apesar do que vejo nas planilhas na minha mesa, das finanças mensais, que não são diferentes das do mês passado.

Já me debrucei sobre elas buscando custos a serem cortados ou eficiências secretas a serem exploradas, lutando para fazer o certo por este lugar. Não há solução, a não ser a extrema crueldade de aumentar os valores para nossos residentes, o que nunca faríamos. Planejar a aposentadoria é quase impossível. Quando alguém não calcula corretamente para quantos anos precisa economizar, pensamos em novos valores de mensalidade junto à família da pessoa com base no que eles podem pagar. Infelizmente, isso deixou a Harcourt Homes à beira da falência.

Eu queria ajudar. Foi por isso que troquei de especialização, deixando a música e optando pela administração. Eu *até* ajudei nos primeiros anos, mantendo a casa de repouso na ativa. Só entendi que não podia consertar o que era necessário quando me deparei com a contínua espiral descendente, que me deixou nessa posição precária, aprendendo sobre hábitos de redução de custos onde fosse possível.

Eu sei que a conversa *de verdade* está se aproximando. Aquela em que vamos ter que aguentar as consequências e dançar conforme a música, por assim dizer. Em que vou reunir todo mundo e admitir que não dá para continuar com a Harcourt Homes.

Mas não tenho como pensar nisso agora. Não quando o piano me aguarda.

Em alguns minutos, vou tocar piano para todo mundo: nossos residentes e seus familiares. Não quero que meu estresse com as finanças da casa respingue na minha apresentação hoje à noite, mas é claro que isso iria acontecer se eu permitisse que a dureza da realidade me preocupasse. Tudo que eu sinto transparece na minha música.

A música é a vida que alimenta os pulmões da Harcourt Homes, a centelha de sustentação nessas paredes. Quer sejam as peças musicais antigas que faço ecoar da vitrola pelos corredores ou eu mesmo tocando piano para os residentes durante o jantar, a música nos ajuda a esquecer os desgastes da vida. Desde a época da escola, raramente faltei à minha apresentação de piano aos domingos.

A sala de jantar está cheia de rostos familiares quando entro vindo do corredor principal. Os quatro octogenários que sempre usam quepes da Marinha em um canto. Keri está comendo com Grant, dupla que se

tornou inseparável desde que perceberam que seus nomes juntos formavam o do antigo astro de Hollywood, Carrie Grant. Imelda entretém sua filha indulgente com fofocas sobre os residentes – que são muitas, não tenha dúvidas. Cruzo a sala, cumprimentando os residentes com um aceno de cabeça.

Quando me sento diante do antigo piano de armário, me sinto em casa.
– *Até que enfim*, Maxwell.

Dou um sorriso, nem um pouco surpreso. A voz é de Linda. É claro que a minha residente favorita da Harcourt Homes está sentada bem ao lado do piano.

– Minhas batatas já esfriaram – observa ela, com uma petulância jocosa no olhar.

– Perdão – falo, sincero. – Que tal um pouco de Sinatra para compensar? Linda dá um sorriso magnânimo, satisfeita, e eu começo a tocar.

Foi no piano da casa de repouso que aprendi a tocar. Não é o melhor piano em que já toquei, nem de longe, mas é meu preferido. O som encorpado, a sensação de desgaste das teclas... é pura perfeição. A logística do manuseio complicado desse maravilhoso instrumento é parte do motivo para eu nunca ter corrido atrás da música, apesar de, a princípio, ter me especializado em piano. Não posso simplesmente empacotar o piano e carregá-lo comigo para as apresentações.

Ponho os dedos sobre as teclas, sentindo suas boas-vindas calorosas. Este piano é parte de mim. Quando meus pés encontram o pedal, é como se eu estivesse alongando os tendões para correr. Quando chego para a frente no banco, é como inspirar profundamente.

Eu toco, e me sinto voltar à vida.

A música jorra de mim, correndo como o vento pelas colinas de Mulholland Drive, a dez minutos daqui. “Come Fly with Me” é uma das músicas de que os residentes mais gostam, com sua exuberância rápida nas teclas e vibrante no contraponto. Ela é como seu título, “Venha voar comigo”: a adrenalina do trem de pouso erguendo-se da pista.

Metade da sala de jantar se cala para ouvir. A outra metade continua conversando. Não me importo. A música não precisa da atenção de todo mundo. Ela está aqui para quem precisa dela. Nem toda canção é uma pregação no púlpito – algumas seguram sua mão do banco do carona.

Repasso meu repertório com as favoritas dos residentes, desde Sinatra a Elvis, de Bobby Darin a Etta James. Quando toco, esqueço os minutos enquanto vagueio, com leveza, pela melodia. Estou satisfeitíssimo. Todo o resto desaparece: a pressão financeira da Harcourt Homes, a ideia de voltar para o meu apartamento vazio, a percepção de que meus amigos da faculdade de música são bem-sucedidos ou desistiram de seus sonhos para arrumar empregos estáveis e famílias que eles também consideram gratificantes.

Esqueço a música para a qual possivelmente fui a inspiração. Esqueço *O álbum do coração partido*. Esqueço...

Bom, não, eu nunca esqueço Riley.

A chegada da sobremesa indica o fim da minha apresentação. Enquanto a equipe serve torta de limão com merengue, receita do meu pai – uma das maneiras de manter meus pais conosco, apesar de terem se aposentado e ido para Palm Springs –, termino de tocar a última música e me levanto, me curvando ao som dos escassos aplausos. Nem todas as mesas estão ocupadas, percebo, com um aperto desconfortável no peito, e lembro que não estamos com lotação máxima. Mas não posso aceitar mais ninguém, não sem ter dinheiro para aumentar a equipe de funcionários.

É surpreendente a rapidez com que o estresse me envolve outra vez em suas cordas retesadas. A rapidez com que a pausa da tranquilidade empolgante da música fica no passado. Observo os residentes curtindo sua refeição, e a ideia de decepcionarmos tanta gente é devastadora.

– Mais um!

Essas duas únicas palavras se destacam acima dos aplausos. A voz é jovem, feminina e vibra com um humor confiante.

Dizer que ela me distrai é o eufemismo do século. Ela faz meu coração parar.

Dou uma olhada no canto dos fundos e pisco, surpreso, certo de que estou tendo uma alucinação, fruto da minha imaginação perturbada, das paradas de sucesso que vi hoje de manhã na minha garagem. De ficar olhando para a arte da capa do álbum no Spotify.

De me lembrar do breve suspiro que ela dava antes de dedilhar o primeiro acorde de suas músicas na faculdade.

A figura sentada de modo discreto perto da entrada da cozinha parece

uma miragem. Meu coração dispara, emoções que nem sei nomear vão crescendo e formando uma harmonia proibida.

Seu cabelo é tingido de dourado como o sol, mas as raízes permanecem escuras. Ela está usando calça jeans preta e uma blusa preta justa que deixa as laterais dos seios casualmente à mostra. Nada de sutiã. Ela nunca usava quando a conheci. Se ela virasse para a esquerda, daria para ver a primeira palavra do verso da poesia que ela havia tatuado sob o seio. É de Mary Oliver, sua poetisa favorita.

Who ever made music of a mild day? “Quem é que já compôs uma música em um dia tranquilo?”

Sua beleza é de parar o trânsito, e ela está me encarando. Com a cabeça pendendo de leve para o lado, seu sorriso me diz que ela sabe que saiu diretamente dos meus devaneios.

Sinceramente, *devaneios* nem chega perto de descrever o efeito distorcido que ela causa nos meus sentidos. Ela é uma sinfonia quando a gente espera ver um solo. Ela é um suplício. Ela é minha primeira música favorita.

No canto da sala, Riley Wynn ergue a mão em um “olá”.

CONHEÇA OS LIVROS DOS AUTORES

O rascunho do amor
A Turnê do Coração Partido

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

